



A. Lobo Antunes Novo romance, nos 40 anos de livros

Crítica de Norberto do Vale Cardoso e notícia do colóquio na Gulbenkian PÁGINAS 14 E 15

Cinema Português

Quatro novos filmes

Entrevista e críticas de Manuel Halpern PÁGINAS 20 A 22

Manoel de Oliveira

A biografia por Paulo José Miranda

Entrevista de Ricardo Duarte e crónica de Gonçalo M. Tavares PÁGINA 23

JORNAL
DE LETRAS
ARTES E
IDEIAS

Ano XXXIX - Número 1278 - De 25 de setembro a 8 de outubro de 2019
Portugal (Cont.) €3,20 - Quinzenário - Diretor José Carlos de Vasconcelos

**COLONIALISMO
E POS-COLONIALISMO**

A Memória necessária

Um tema em foco na Culturgest, até 5 de outubro, com teatro, cinema e debate. Reportagem e entrevistas com Mark Deputter, André Amálio e Francisco Vidal, por Maria Leonor Nunes. Textos de Margarida Calafate Ribeiro e de António Pinto Ribeiro

PÁGINAS 2 A 13

ANTÓNIO SÉRGIO

Textos (desconhecidos) sobre a Paz

Organização e comentários de António Nóvoa PÁGINAS 25 E 26



árvores, escrevem livros, que trabalham a beleza no mundo. E trabalho-o com os alunos, como agora com a instituição Culturgest, no espaço de pensamento que é este ciclo, em que se cruzam perguntas, pontos de vista sobre o que é sermos hoje todos produtos de um país que teve uma relação colonial com outros, o que foi muito importante para a identidade de todos. São registos gráficos que pensam e vão nessa direção. Mas, muitas vezes, tenho um pensamento que não é coincidente com aquele que é trabalhado hoje em dia nessas questões pós-coloniais, apesar de ver com agrado a evolução da discussão.

Em que diverge?

O pensamento é hoje mais aberto, tolerante, mas ainda temos problemas que já deviam estar ultrapassados e que pessoalmente já ultrapassei. Problemas que têm a ver com cor, raça, género... O desenho e a pintura não reconhecem essas fronteiras. Mas a música tem outro tipo de velocidade e de pensamento.

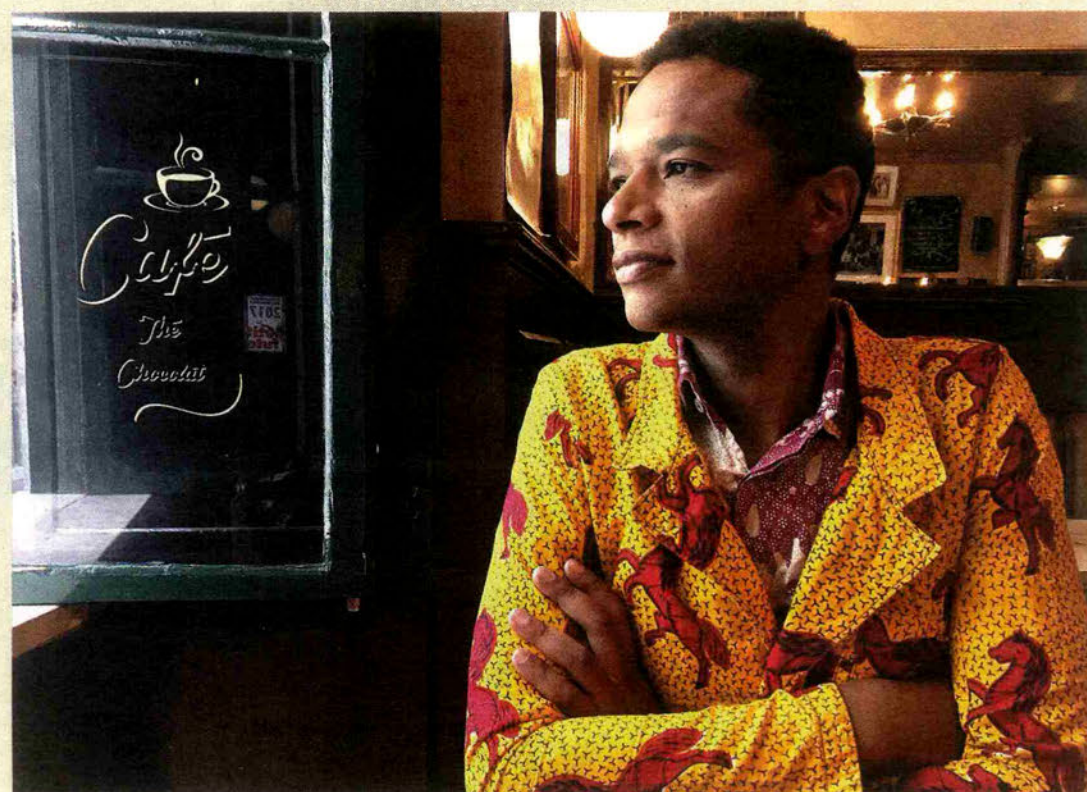
Em que sentido?

No barroco, a música de Bach tinha uma velocidade maior do que a pintura, que ainda estava só nas paredes das igrejas. Vemos hoje essa velocidade na música que se faz nos bairros sociais, das periferias. A batida tem uma estética que pode responder de uma forma mais rápida às questões que os intelectuais estão a colocar. Mas o Kuduro de Lisboa já não fala de preconceitos, mas de vivência. E, da periferia para o centro da cidade, esse movimento mudou completamente a própria imagem de Lisboa na direção de uma estética afrofuturista portuguesa, mas que comunica com todo o mundo, porque existe uma globalização musical.

Fez uma série de pinturas para a capa de um disco dos Fogo Fogo. Sim, é uma banda de Funaná de Lisboa que tem precisadamente a ver com este pensamento póscolonial ou pós-independências. É cultura de Cabo Verde em Lisboa, com músicos de Lisboa e S. Vicente. O nome remete para a ilha do Fogo, mas é uma geografia de nós todos, como o funaná é uma cultura de nós todos. Fiz uma série de 10 pinturas para o disco. E são uma ponte entre a música, a literatura e a pintura.

Há no seu trabalho uma intenção crítica?

Na minha pintura, quando uso texto, sinto que estou a falar com o passado, mas com cor e traço consigo ter um espaço mais abstrato, livre, perto desse movimento musical. Todos trabalhamos um espaço contemporâneo de relação social e o pensamento de Lisboa dialoga de uma forma



Francisco Vidal "Atitude política" e "força simbólica"

Um retratista dos nossos tempos

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

Francisco Vidal (FD) é um artista a visual que entre os vários géneros que cultiva tem um particular empenho no retrato e no qual é de uma grande mestria. A pintura do retrato segue na história da arte uma linha descontínua. Começa com o objetivo claro de representar quem tem poder, quem o pode exercer e quem tem meios para encomendar a pintura – Ticiano, Velásquez, Rembrandt, Rubens, Reynolds, Gainsborough – até algum declínio na sequência da invenção da fotografia onde Nadar pontifica, como o fotógrafo retratista, de que esta nova arte estaria à espera, mas que regressaria como género de expressão de grande domínio técnico com Van Gogh, Egon Schiele, Kokoschka, Picasso. E quando parecia estar morto, na década de 50 do século passado, regressa com uma enorme vitalidade pelos mestres da pintura do pós-guerra com Hockney, Freud, Paula Rego e, em Nova Iorque, com Andy Warhol que encontra no retrato o meio eficaz, e seu favorito, para expressar a iconografia pop e as figuras do imaginário desta cultura: de Mao Tsé Tung à *beautiful people*.

Francisco Vidal está mais interessado em figuras menos distantes no tempo e depois da série em construção dos retratos a tinta da china ei-lo a enveredar por uma pintura iconoclasta da comunidade dos seus heróis e amigos. A ideia dos retratos tem uma génese que revela a componente de partilha tão própria ao artista: surgiu um dia em Angola, quando era professor numa turma de arquitetura em Luanda, cujos alunos tinham muito pouca informação sobre artistas e sobre líderes e políticos africanos. Para dar a conhecer aos alunos as figuras de quem falava e a sua importância histórica, FD

começou a desenhar os seus retratos. Os primeiros foram dos seus amigos artistas angolanos, a que se seguiram outros, de pessoas sobre as quais achava fundamental escreverem-se as biografias. Tratava-se na realidade daqueles que Francisco considerava serem 'seus pares'.

A série mais recente exposta há uns meses no espaço da Linha d'Água (abril de 2019) era composta, entre outras obras, por cinco retratos de músicos negros: Dj Nervoso, Marfox, Nigga Fox, Dj Nídia e Dj Firmeza. Estes retratos exigem do artista uma outra dimensão física e um esforço suplementar. Estes suportes impõem ao artista toda uma corporalidade e um esforço físico seja pela grande dimensão das telas, seja pelo uso dos materiais. E a ousadia é tremenda pois o suporte intriga: as catanas coladas sobre as quais o artista pinta com acrílico fazem a peça ser pintura ou escultura? E a esta ambiguidade acresce uma outra: sob uma paleta de pintura alegre descobrem-se as dezenas de catanas que, como é sabido, sendo instrumentos de trabalho agrícola, são também instrumentos das revoltas independentistas e das lutas africanas.

E a sua exposição *Padrão Crioulo* foi de uma atitude política clara já que aconteceu num espaço que tendo sido parte da Exposição do Mundo Português e propaganda do colonialismo é vizinho do Padrão dos Descobrimentos, que glorifica a expansão marítima e colonial. Com uma enorme força simbólica a exposição contribuiu para a desconstrução da narrativa colonial em curso. E como se isso não bastasse os heróis dos retratos do *Padrão Crioulo* são os portadores de uma Europa crioula que está a acontecer. Talvez seja isso o Afro-futurismo exclama o artista.

ativa com Díli, Maputo, Luanda, S. Paulo, Praia. Gosto de passear por essas capitais e ver a relação que existe com o discurso pós-colonial. Há problemáticas e relações diferentes, mas que não nos separam, somos irmãos. A minha pintura não é hoje tão política como no passado, está a ir numa direção mais humana. E que tem a ver com uma noção contemporânea da importância e riqueza da herança africana em Portugal.

Há hoje uma valorização dessa herança?

Já se disse, de uma forma um pouco paternal, que andávamos à procura da nossa identidade.

De facto, isso aconteceu, mas hoje já não a procuramos, estamos a usá-la. Sempre estivemos, em Portugal, na Europa, no mundo e estamos a fazer o nosso trabalho. É importante falar de certos temas difíceis que precisam ser trabalhados, como o racismo, as desigualdades, as lutas sociais, a educação. Mas estamos a trabalhar temas que são mais vastos do que a nacionalidade, a raça ou a orientação sexual. Estamos a trabalhar temas humanos, aqueles que englobam tudo o que nos diz respeito, tudo aquilo que é cultura. A nossa sociedade vai ficar mais rica quando usarmos os quadrados, os triângulos, as cores, fazendo pontes, de uma forma construtiva, e conhecendo melhor quem somos como coletivo.

Como tem sido a sua ponte entre Lisboa e Luanda?

Seguindo a linha da pintura e do desenho. É um território por onde gosto de andar, procurando viver um presente interessante, trabalhar e pensar. E de falar com pessoas que constroem bons objectos, objetos que duram.

Que não são efémeros?

Sim. Gosto de trabalhar objetos, feitos à mão, que duram no tempo. Ao contrário do tempo em que vivemos, de uma globalização digital que produz objetos rápidos, telemóveis, televisores.... Tenho-me enriquecido com História, conhecimento e, através do desenho e da pintura, abro uma janela para outras pessoas com quem posso partilhar essa riqueza.

Construir pontes entre todos nós é um trabalho que gosto de fazer com desenhos. E essas pontes vão solucionar aqueles problemas que decorrem de pensar que o Outro é distante, perigoso, coisas que nos fazem ignorantes. Não sejamos ignorantes. Vamos estudar, pensar, comunicar, aprender uns com os outros. Porque temos muitas diferenças, divisões. Mas são divisões que adicionam e nos fazem ser melhores como coletivo. **JL MARIA LEONOR NUNES**